

**AUTO-ORGANIZAÇÃO DA ESCOLA DO TRABALHO EM KRUPSKAYA E PISTRAK:
ANÁLISE INICIAL SOBRE A AUTOGESTÃO ESTUDANTIL A PARTIR DA
EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA SOVIÉTICA**

**AUTOORGANIZACIÓN DE LA ESCUELA DE TRABAJO EN KRUPSKAYA Y PISTRAK:
ANÁLISIS INICIAL DE LA AUTOGESTIÓN ESTUDIANTIL DESDE LA EXPERIENCIA
PEDAGÓGICA SOVIÉTICA**

**SELF-ORGANIZATION OF THE SCHOOL OF LABOR IN KRUPSKAYA AND PISTRAK:
INITIAL ANALYSIS ON STUDENT SELF-MANAGEMENT FROM THE SOVIET
PEDAGOGICAL EXPERIENCE**

DOI: <http://dx.doi.org/10.9771/gmed.v12i1.36838>

Jairla Bianca Aires Praciano¹

Raphael Alves Feitosa²

Resumo: A auto-organização, categoria da pedagogia soviética, é caracterizada como uma forma de estruturação da vida estudantil dos jovens. O objetivo da pesquisa é analisar a auto-organização na escola do trabalho através das obras de Moisey M. Pistrak e Nadejda K. Krupskaya. Para isso, foi realizada uma análise documental das obras dos pedagogos soviéticos e uma bibliográfica direcionada ao contexto histórico, como também as contribuições da literatura referente ao assunto. Os resultados indicam que para os educadores russos a autodireção é capaz de proporcionar aos estudantes concepções sobre organização, autonomia e coletividade. Por fim, considera-se necessário estudos aprofundados sobre as obras de Krupskaya e Pistrak.

Palavras-chave: Auto-gestão; Pedagogia russa; Escola do trabalho.

Resumen: La autoorganización, una categoría de la pedagogía soviética, se caracteriza como una forma de estructurar la vida estudiantil de los jóvenes. El objetivo de la investigación es analizar la autoorganización en la escuela de trabajo a través de los trabajos de Moisey M. Pistrak y Nadejda K. Krupskaya. Para ello, se realizó un análisis documental de las obras de los pedagogos soviéticos y una bibliografía dirigida al contexto histórico, así como las aportaciones de la literatura referente al tema. Los resultados indican que, para los educadores rusos, la autodirección puede proporcionar a los estudiantes ideas sobre organización, autonomía y colectividad. Finalmente, se consideran necesarios estudios en profundidad sobre los trabajos de Krupskaya y Pistrak.

Palabras clave: Autogestión; Pedagogía rusa; Escuela de trabajo.

Abstract: Self-organization, a category of Soviet pedagogy, is characterized as a way of structuring the student life of young people. The aim of the research is to analyze self-organization in the school of work through the works of Moisey M. Pistrak and Nadejda K. Krupskaya. For this, a documentary analysis of the works of Soviet pedagogues and a bibliographic directed to the historical context, as well as the contributions of the literature referring to the subject, were carried out. The results indicate that, for Russian educators, self-direction is able to provide students with ideas about organization, autonomy and collectivity. Finally, in-depth studies on the works of Krupskaya and Pistrak are considered necessary.

Keywords: Self-management; Russian pedagogy; School of work.

Introdução

O tema da organização dos trabalhos e das ações nas escolas vem sendo tema de debate nos últimos anos no Brasil. Esse campo é visto de maneiras diversas, indo desde a inclusão de teorias Movimento da Auto-organização (MAO) (OLIVEIRA, 2007, 2013), passando pela análise sobre o exercício de participação e integração em equipes interdisciplinares de pesquisadores (ALEKSANDROWICZ, 2009), chegando a interpretações críticas do tema (GROPPO et al., 2017).

A auto-organização na escola brasileira também vem sendo tema de investigação. Um importante fundamento da organização institucional, a autonomia, foi estudado por Martins (2002). Essa categoria se liga às ideias de participação social e de ampliação da participação política, logrando presença em diversas propostas de descentralização do poder.

Oliveira (2007, 2013) analisou as contribuições do Movimento da Auto-organização (MAO) para a educação e o ensino de adultos. Tal Movimento foi originariamente desenvolvido nas áreas da Cibernética, Termodinâmica e Biologia, estendendo ao domínio das ciências sociais e humanas, adentrando no campo da educação.

Seguindo por um caminho de maior radicalidade, Viana (2008) traz para a discussão do tema a visão política da autogestão pedagógica nas escolas. O autor advoga que um projeto político e pedagógico progressista deve ser acompanhado por políticas que envolvam questões como a democratização da escola e a unificação da luta de docentes e discentes. Todavia, o pensador ressalta que devido sua radicalidade, a concretização de propostas desta natureza é de difícil execução nas escolas, sendo que ela ocorre mais facilmente em períodos de ascensão da luta dos trabalhadores e /ou em movimentos sociais.

Outra abordagem sobre o tema da auto-organização aplicada ao campo da pesquisa acadêmica, foi desenvolvido por Aleksandrowicz (2009). Numa perspectiva filosófica, essa pesquisadora afirmou que a auto-organização integra a essência humana e gera uma sensação de bem-estar na concretude do dia a dia, inclusive na atuação laboral e gratificante em equipes de trabalho.

A gestão escolar democrática figura como um fator essencial à qualidade de ensino, conforme apontam Passador e Salvetti (2013). Esses pesquisadores apontaram que a autogestão pode ser uma possibilidade para os ideais democráticos de gestão escolar.

Lima (2014) destacou três pontos básicos associados à gestão democrática das escolas: eleição, colegialidade e participação nas decisões escolares. O autor mostra que, nos últimos anos, esses pontos vêm sendo desvalorizados enquanto dimensões básicas da gestão democrática das instituições de ensino, devido a questões sistêmicas das políticas educacionais e da busca por resultados avaliativos matematizáveis.

Já numa visão educativa mais ampla sobre a gestão de processos de atuação escolar, Groppo et al. (2017) apontaram a autogestão como um dos fatores de sucesso e interação dos movimentos sociais de ocupações em escolas e em uma universidade do Sul de Minas Gerais no ano de 2016. A categoria autogestão foi vista como um aspecto educativo relevante destes movimentos juvenis, através da capacidade de auto-organização do espaço e das atividades educativas pelos próprios jovens estudantes. Ademais, destacaram o

diálogo intergeracional como um dos motores da construção de uma formação política baseada na horizontalidade.

Apesar da literatura exposta acima trazer várias abordagens metodológicas e teóricas sobre o tema da auto-organização, ainda se carece de investigações a respeito do tema, em especial no que diz respeito a uma visão materialista e histórica de caráter marxista. Outrossim, é visível que há pouca literatura no que diz respeito a uma gestão autônoma estudantil. Dito isso, o objetivo deste trabalho é analisar a categoria da auto-organização na escola do trabalho soviética através das obras de Moisey M. Pistrak (1888-1937) e Nadejda K. Krupskaya (1869-1939).

Para tanto, a presente investigação se encaminhou metodologicamente através de uma pesquisa documental, realizada por meio estudo das principais obras escritas, traduzidas para o português, dos educadores soviéticos Moisey M. Pistrak (2013, 2018) e Nadejda K. Krupskaya (2017), seguindo o direcionamento procedimental e analítico de Sá-Silva, Almeida e Guindani (2009). Em adição, foi realizada uma investigação bibliográfica na literatura acadêmica nacional e internacional para se compreender de maneira mais profunda o contexto do período em questão e sobre as obras dos pensadores investigados, procedendo conforme apontado por Pizzani et al. (2012). A investigação bibliográfica gerou informações relevantes sobre a área do conhecimento aqui pesquisa, bem como forneceu subsídios para a redação do presente trabalho científico, permitindo uma aproximação com diversos trabalho do campo (FEITOSA, 2018; MC NEAL, 1973; MUÑOZ-MUÑOZ, 2010; RAYMOND, 1974; SKATKIN; TSOV'JANOV, 1994; SILVA, 2012; GOLOVATY, 2017a; GOLOVATY, 2017b; CALDART, 2005; BOLEIZ JÚNIOR, 2017).

O manuscrito será dividido em três partes que se interconectam, iniciando por um breve levantamento sobre o contexto histórico russo no período que seguiu a Revolução de 1917, incluindo um pouco da biografia de e Krupskaya e Pistrak. Em seguida, apresentam-se os principais pontos da categoria auto-organização nas obras dos supra indicados pedagogos soviéticos.

1. Contexto histórico e biografia de e Krupskaya e Pistrak

Com o intuito de melhor compreendermos as contribuições das obras de Krupskaya e Pistrak, é necessário considerarmos o contexto político e social da Rússia na época. No final do século XIX e início do século XX, o país vivenciava um cenário de atraso econômico em relação aos demais países da Europa, pois prevaleciam relações feudais e agrícolas de produção. De acordo com o avanço da industrialização e com o poder centralizado nos monarcas, na elite e na Igreja, desenvolveram-se duas classes: os burgueses e os operários. A classe operária sofria com a precariedade das condições de trabalho, redução dos salários, desemprego, analfabetismo e a fome, o que desencadeou insatisfação popular e manifestações recorrentes (LEITE; BORGES, 2018).

Em relação à perspectiva educacional, o país passava por um grau elevado de analfabetismo evidenciado no censo realizado ao final do século XIX, no qual destaca que apenas 29% dos homens e 13% das mulheres da época eram alfabetizados. Em algumas regiões da Rússia, esse número aumentava para cerca de 98% de indivíduos que não sabiam ler e escrever. Além de muitos territórios não possuírem nem

mesmo o alfabeto próprio, com ausência de linguagem escrita. A minoria que conseguiu ter acesso a escola primária, desfrutava de uma educação com duração de no máximo dois ou três anos e possuía formação voltada para fundamentos básicos de leitura e escrita, conceitos em aritmética e doutrinas e cânticos religiosos (CAPRILES, 2002). Segundo Bittar e Ferreira Junior (2015, p. 439) nessas circunstâncias precárias “[...] às vezes os alunos escreviam com carvão vegetal ou tinta feita de fuligem. Para escrever e imprimir livros, serviam-se de papel de embrulho; como não havia cartilhas, aprendiam a ler soletrando textos de jornais ou revistas”. Dessa forma, mostrando que a educação da época não podia ser considerada nem mesmo essencial.

Após a Revolução Russa de 1917, na tentativa de transformar essa situação, surge a escola do trabalho com o objetivo reestruturar o sistema educacional para a formação integral do homem. Vale ressaltar, que a educação era tida como a principal ferramenta para atribuir a formação da consciência crítica à classe dos trabalhadores, possibilitando a construção do socialismo para superar o capitalismo. Em vista disso, as crianças e jovens deveriam ser preparadas para lutar e agir como indivíduos transformadores e conscientes (CARVALHO, 2019).

Nesse contexto sócio-político, educadores, como Pistrak, Krupskaya, Makarenko, Vigotski e outros, tinham o propósito de produzir uma escola que colaborasse para a efetivação de princípios revolucionários e socialistas. Diante desse novo posicionamento e prática educacional, poder orientar o proletariado a perceber sua relevância, seus interesses e a importância pela a luta de classes (FÉLIX; MOREIRA; SANTOS, 2007).

Para compreender o contexto de produção da obra krupskayana, é importante analisar brevemente sua trajetória de vida. Krupskaya nasceu em 26 de fevereiro de 1869 em Petrogrado (atual São Petersburgo), no calendário ocidental, correspondente a 14 de fevereiro no calendário russo (SILVA, 2012). Ela advém de de uma família com heranças nobres, porém pobre, sendo filha de um pai um militar russo e de mãe educadora (MC NEAL, 1973).

Segundo Feitosa (2018) e Muñoz-Muñoz (2010), aos 14 anos, durante a sua adolescência, a educadora soviética começou a trabalhar no magistério como professora particular, e, ao mesmo tempo, colaborou com aulas voluntárias em escolas noturnas para operários. Krupskaya concluiu o magistério e continuou atuando como professora, até sua detenção e exílio na temida prisão siberiana, cumprindo pena como presa política.

Foi exatamente nesse período desacolhedor na Sibéria que Krupskaya se casou com Vladimir Ilyich Ulianov, conhecido nas linhas vermelhas como Lênin. O casal ficou em comunhão até morte do líder da Revolução de 1917, juntos em cada exílio, da Sibéria à Suíça, e no seu retorno à Rússia, depois de obterem licença para atravessar o território alemão. Na Rússia, após a Revolução de Outubro, ela foi responsável pela organização e desenvolvimento do sistema de ensino e da organização do sistema de bibliotecas da União Soviética.

A obra de Krupskaya foi pouco divulgada no ocidente, mas de acordo com Raymond (1974), seus escritos foram sendo divulgados ligados a biografia de Lenin e a literatura infantil (MC NEAL, 1973). Em

sua atuação como educadora e política ligada ao movimento revolucionário, ela fez uso de sua persuasão ideológica e intervenção administrativa em sua capacidade de principal autoridade comunista.

Analisando a biografia de Krupskaya, Skatkin e Tsov'janov (1994) indicaram que a meta de seus esforços foi reorientar a escrita de livros juvenis russos a serviço do labor de modernização soviética, usando a literatura infantil para efetuar mudanças nas motivações básicas de seus leitores, na socialização política e no conhecimento técnico, voltando-se para a construção do ser humano que integraria a nova sociedade socialista.

No território brasileiro, a revolucionária soviética vem sendo estudada de maneira mais intensa após a tradução e publicação de sua obra “A Construção da Pedagogia Socialista” (KRUPSKAYA, 2017). A obra conta com vinte e quatro textos de sua autoria, além de quatro anexos ligados ao tema da pedagogia russa, tendo como plano de fundo o contexto histórico da época de publicação dos originais. A respeito dessa publicação, Feitosa (2018) indicou que Krupskaya destaca o papel do educador no processo de construção da auto-organização escolar, a qual vai além da simples escolha de representantes escolares. Na visão krupskayana, a auto-organização deve ser parte integrante da vida escolar, sendo que através da autogestão as crianças aprendem a encontrar formas de ação conjuntas, as quais devem refletir na vida comum e no trabalho coletivo da comuna escolar.

Segundo o contexto biográfico, o contemporâneo de Krupskaya que fez contribuições relevantes sobre o tema da auto-organização estudantil foi Moisey Mikhailovich Pistrak (1888 - 1940). Ele nasceu em 15 de setembro de 1888, em Kamianets-Podilskyi na Ucrânia. Existem poucos registros sobre sua vida pessoal, havendo mais informações sobre suas obras e contribuições intelectuais (GOLOVATY, 2017a). Foi um dos principais educadores líderes na construção da escola soviética e na elaboração da pedagogia marxista na União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (PISTRAK, 2013).

Pistrak formou-se na Faculdade de Físico-Matemática na Universidade de Varsóvia em 1914 na Polônia e era doutor em Ciências Pedagógicas. Atuou de 1918 a 1931 no NarKomPros (Comissariado Nacional de Educação) da União Soviética, em que o dirigiu por cinco anos. Vale a pena destacar, que ele atuou na administração da principal instituição experimental do NarKomPros: a Escola-Comuna Experimental-Demonstrativa P. N. Lepeshinskiy (Moscou, Rússia). Passou a ser membro do Partido Comunista no mesmo ano da publicação de sua obra “Fundamentos da Escola do Trabalho”, em 1924 (GOLOVATY, 2017b).

No período entre 1931 e 1936, Pistrak realizou atividades no Instituto de Pedagogia do Norte do Cáucaso na cidade russa de Rostov-na-Donu. Já em 1936, liderou o Instituto Nacional de Pesquisa Científica de Pedagogia do Instituto Superior Comunista de Educação. Oficialmente, Pistrak foi preso em 1937 e faleceu em 1937. Contudo, em oposição ao que foi divulgado por fontes oficiais, existem indicativos que sua morte teria sido apenas em 1940 (CALDART, 2005). Não satisfeitos com seu extermínio físico, suas obras foram silenciadas. Logo depois a sua prisão em 1937, seus textos não podiam mais ser divulgados e aplicados nas instituições de ensino, podendo ser uma justificativa para sabermos tão pouco sobre ele.

Em sua obra, Pistrak tinha como objetivo elaborar uma escola para formar lutadores pela liberdade da classe trabalhadora e construtores da sociedade comunista revolucionária (BOLEIZ JÚNIOR,

2017). A proposta da Escola-Comuna produzida pelo educador, tem como base as seguintes categorias: coletividade, auto-organização, atualidade e trabalho. De acordo com o pedagogo, o objetivo é que se estude a natureza e a sociedade em conexão com trabalho. Dessa forma, favorecendo uma ligação entre a escola e a prática social, por meio do trabalho socialmente útil (PISTRAK, 2013). Esse processo de formação está diretamente associado ao desenvolvimento da matriz omnilateral dos estudantes, com evolução no âmbito cognitivo, artístico, físico, ético e ecológico.

2. A auto-organização em Krupskaya

Os resultados da pesquisa documental da obra krupskayana mostram que sua radicalidade materialista e histórica se opõe aos temas da autogestão e auto-organização de origem liberal e/ou burguesa. Essa última, pode ser vista em diversos trabalhos publicados no Brasil ao longo dos últimos anos (ALEKSANDROWICZ, 2009; LIMA, 2014; OLIVEIRA, 2007, 2013; PASSADOR; SALVETTI, 2013; VIANA, 2008). Já a autora soviética traz uma visão que contrasta com essa, trazendo tal categoria ligada ao labor, visão que vai ao encontro dos ideais de seu contexto histórico revolucionário.

A proposta krupskayana era articular o trabalho humano como um princípio educativo, apontando o labor como fundamento para que a criança e o jovem possam “[...] ter um desenvolvimento pleno e multilateral” (KRUPSKAYA, 2017, p. 28). A autora destaca a dicotomia entre a escola de ensino e escola do trabalho. A primeira pode ser entendida como sendo a visão tradicional para essa instituição, de origem pequeno-burguesa, organizada pelos estados capitalistas, “[...] uma escola da disciplina coercitiva, que suprime a independência da criança, impede o desenvolvimento da personalidade humana, distorce-a” (KRUPSKAYA, 2017, p. 140). Em oposição dialética, a escola do trabalho deve ser estreitamente ligada à vida dos jovens e adultos, com os interesses dos educandos. Continua a autora, uma escola que abre para o ser humano “[...] diferentes esferas de aplicação das suas forças, é uma escola que ensina a vida coletiva, que coloca ante as crianças objetivos elevados e que, pela primeira vez, cria condições para o desenvolvimento da personalidade humana” (KRUPSKAYA, 2017, p. 140).

Conforme destacaram Feitosa (2018), Mc Neal (1973) e Muñoz-Muñoz (2010), a educação na nova sociedade soviética deve ser voltada para a formação do *Homo novus* socialista. Assim, essa instituição deve funcionar de maneira diferente da antiga escola burguesa, chamada pela autora de escola do ensino. Indo ao encontro dessa visão, a pesquisa documental aqui desenvolvida corroborou com a análise dos autores supra indicados. Para a pedagoga russa, a “[...] escola do trabalho exige uma relação viva com ela, específica” (KRUPSKAYA, 2017, p. 38). Neste sentido, a análise documental aqui exposta, levanta indícios factíveis de que a educadora revolucionária russa pensava que enquanto a organização da questão escolar estiver nas mãos da burguesia, a escola continuaria a ser um instrumento dirigido contra os interesses da classe operária. É preciso fundar um novo tipo de escola. “Apenas a classe operária pode fazer da escola do trabalho um instrumento de transformação da sociedade moderna” (KRUPSKAYA, 2017, p. 60).

Seguindo essa linha de raciocínio, então surge a indagação: Como será colocada a questão da educação escolar no sistema socialista? Krupskaya (2017, p. 28) milita em prol de uma educação estatal

universal, indo desde o cuidado com a manutenção das crianças, indo até um funcionamento em que a escola, junto com toda a sociedade comunista, “[...] garantirá para a criança não apenas meios para sua existência, mas garantirá também que a criança tenha todo o necessário para que ela possa ter um desenvolvimento pleno e multilateral”.

O processo de construção da auto-organização escolar, a qual vai além da simples escolha de representantes escolares, “[...] ela deve ser parte integrante da vida escolar. Com a ajuda da auto-organização as crianças aprendem a encontrar formas de ação conjuntas, as quais devem refletir na vida comum e no trabalho coletivo da comunidade escolar” (KRUPSKAYA, 2017, p. 115). O excerto acima vai ao encontro das análises de Raymond (1974), Skatkin e Tsov’janov (1994) e Silva (2012), no qual apontam que Krupskaya objetiva que a escola do trabalho formaria o homem revolucionário em articulação com o trabalho físico e intelectual, de ensino politécnico.

A respeito do tema da politecnicidade, o qual tem ligação direta com a categoria auto-organização, na obra krupskayana conta que a meta maior da escola do trabalho não é preparar especialistas estreitos, e sim que os jovens sejam capazes de executar todos os tipos de trabalho. “Marx em todo lugar insiste justamente na necessidade do ensino politécnico, que tem enorme importância na educação geral; o conceito de politecnicidade inclui também o ensino do trabalho agrícola, técnico, artístico e de artesanato [...]” (KRUPSKAYA, 2017, p. 61-62). Dessa forma, o saber prático de todos os ramos, estudados de maneira racional, científica e sistemática na escola comunal, contribuiu para um desenvolvimento físico multilateral, produzindo hábitos de trabalho gerais úteis ao novo homem socialista.

Exposto esse objetivo, fica claro a ligação da finalidade última da sociedade socialista e de sua escola do trabalho. Isso, por sua vez, “[...] condiciona toda a organização do trabalho escolar, todo o modo de vida da escola, todo o conteúdo do ensino escolar e da educação” (KRUPSKAYA, 2017, p. 65).

A educadora revolucionária insiste na importância atribuída para o trabalho e sua relação com a autogestão estudantil. Em sua visão, as crianças precisam atribuir a si mesmas os objetivos do labor socialmente necessário, discutir um plano de trabalho, dividir entre o labor, atribuindo, inclusive, meios de ajuda mútua num processo onde os mais experientes auxiliam os mais novos, sob a mediação de um pedagogo. O trabalho como princípio educativo da escola, “[...] desenvolverá nas crianças hábitos de organização da vida, mas por outro lado, habitua-os a uma autodisciplina que se aprende não pela ordem, não pelo medo do castigo, mas pela própria essência do trabalho coletivo” (KRUPSKAYA, 2017, p. 112).

A auto-organização do alunado na escola do trabalho é fundamental para:

“[...] desenvolver nas crianças o hábito de viver, estudar e trabalhar coletivamente. Isso define a natureza da organização da vida escolar, a auto-organização das crianças, a ajuda mútua das crianças e outras. Disso decorre o método de trabalho: crítica coletiva do ver e ouvir, hábito de alcançar determinados objetivos pela união de forças e a divisão de trabalho de acordo com as forças e possibilidades; também disso decorre a natureza do trabalho coletivo, a organização criativa, a necessidade de conceder amplo lugar à arte, arte que é próxima, que provoca a emoção coletiva, que desenvolve predisposições sociais” (KRUPSKAYA, 2017, p. 106).

O trecho acima, advindo da presente pesquisa documental, corrobora com os dados encontrados por Feitosa (2018), Muñoz-Muñoz (2010) e Silva (2012), os quais mostram que a auto-organização não

significa que todas as ações escolares sejam de responsabilidade do alunato. Na proposta krupskayana, a direção da escola é tida como atividade complexa e exige conhecimento específicos dos gestores, devendo ficar a cargo de pedagogos adultos. Isso pois, responsabilizar as crianças pela direção da escola “[...] significa não ter a menor noção sobre suas forças, desmoralizá-las, formar nelas ou a superficialidade e presunção, ou mais desconfiança em suas forças” (KRUPSKAYA, 2017, p. 114-115).

Então, como seria a participação estudantil dentro da gestão escolar? A autora é explícita ao indicar que “[...] a auto-organização é um meio de infundir, dentro de certos limites, vida e trabalho” (KRUPSKAYA, 2017, p. 115). Esse modo de se organizar coletivamente deve ser parte integrante da vida escolar. “Com a ajuda da auto-organização as crianças aprendem a encontrar formas de ação conjuntas, as quais devem refletir na vida comum e no trabalho coletivo da comunidade escolar” (KRUPSKAYA, 2017, p. 115).

Ademais, ao aprenderem sobre a gestão da escola e do trabalho coletivo, os estudantes podem escolher seus representantes estudantis e devem entrar no conselho escolar, “[...] onde sua voz deve ser ouvida, mas na questão da gestão da escola a palavra final não pertence a eles” (KRUPSKAYA, 2017, p. 115). Na escola do trabalho, todas as decisões devem ser mediadas e coletivas, incluindo docentes e discentes. Neste sentido, a investigação de Groppo et al. (2017) vai ao encontro das ideias krupskayanas, haja vista que ambos apontaram a autogestão como um dos fatores de sucesso, em especial, aquela feita através do diálogo intergeracional entre estudantes mais jovens e os mais avançados em escolaridade.

A participação desse coletivo comunal na escola do trabalho permite ao jovem trabalhador, seja proletário e/ou camponês, ter saberes para construir uma sociedade em que não haja lugar para a opressão e exploração. “Mas é necessário fazer isso de fato e não apenas ficar no desejo” (KRUPSKAYA, 2017, p. 117). Daí o motivo da ação comunal da auto-organização ser fundamental, pois ela é categoria-chave para o *Homo novus* socialista. “Claro, a própria vida vai ensinar a organização para a juventude, mas é necessário que também a escola faça tudo que puder em relação a isso” (KRUPSKAYA, 2017, p. 118).

Na obra krupskayana consta que as crianças, desde cedo devem participar da autogestão. Raymond (1974) e Muñoz-Muñoz (2010) destacaram a contribuição da autora soviética para a educação infantil, sendo que a análise documental aqui desenvolvida na presente investigação vai ao encontro do pensamento desses investigadores. Isso porque, na obra “A construção da pedagogia socialista”, encontram-se elementos que permitem indicar que advoga que a escola do trabalho servirá para imbuir um espírito coletivo nos jovens. A própria Krupskaya (2017, p. 118) indica: “Uma das fontes mais importantes de desenvolvimento desses hábitos é o jogo”.

Através dos jogos educativos na escola que os novinhos sonham, imaginam, fazem planos e escolhem meios para sua realização, além de compreenderem as regras coletivas de convivência e trabalho social. Nos estágios seguintes do desenvolvimento da criança, já podem ser inseridos outros elementos aos jogos, dando passagem dos jogos para a vida organizada e o trabalho. Ao se tornarem mais velhas, os objetivos dos jovens se tornam cada vez mais racionais e eles buscam instrumentos de execução cada vez mais reais. Assim, “[...] os hábitos de organização adquiridos no jogo se transformam em hábitos de organização do trabalho, em hábitos de organização da vida” (KRUPSKAYA, 2017, p. 120).

A sofisticação da autogestão vai crescendo à medida que o ensino se complexifica, quando a idade escolar avança, abrindo espaço para outras formas de participação nas decisões da escola. Num nível mais elementar e inicial, o trabalho tem menor envergadura, no qual a função da criança é mais limitada, sendo suas tarefas mais simples e, conseqüentemente, com formas de auto-organização mais elementares, tipo uma democracia simples. Por outro lado, num nível mais desenvolvido no qual haja maior envergadura de atividades, o trabalho se torna mais complexo e necessita de especificidades, demandando da auto-organização ser mais complexa e clara. A autora elenca em sua obra algumas dessas formas:

Nós encontramos as escolas o comitê organização, o comitê de trabalho, comitê de ensino e outros, encontramos grupos de trabalho de diferentes formas e tipos. As formas de auto-organização devem ser propostas em correspondência com as funções organizacionais, as quais se ancoram nos estudantes (KRUPSKAYA, 2017, p. 122).

De maneira sintética, a auto-organização do alunado na escola do trabalho potencializa que os jovens aprendam a resolver as questões práticas escolares, levando em conta o ponto de vista dos interesses de toda turma e de todo o coletivo comunal da escola. “A auto-organização deve fornecer as habilidades para resolver juntos, pelo esforço de todos, os problemas colocados pela vida” (KRUPSKAYA, 2017, p. 132). Isso é o alicerce para uma escola que forme seus jovens para adquirir conhecimento científico sistematizado e, ao mesmo tempo, “[...] eles acostumar-se-ão à escola e ao trabalho produtivo e, mais importante, a escola não irá apenas ensinar, mas também desenvolver todas as suas forças físicas e espirituais, a escola formará cidadãos úteis e com energia” (KRUPSKAYA, 2017, p. 30).

3. A auto-organização nas obras de Pistrak

A proposta de autogestão estudantil krupskayana encontrou ressonância e meio de aplicação empírica dentro da instituição Lepechinsky, a comuna escolar. Diversos relatos sobre a auto-organização estudantil estão presentes na obra de Pistrak “A Escola-Comuna” (PISTRAK, 2013), escrita em parceria coletiva com Elizaveta Berezanskaya, Olga Leytnekker, Robert Mikelson, Aleksei Strazhev e Viktor Shulgin. Esse documento servirá de ponto de partida para a análise sobre o tema que se segue nesta presente investigação.

No supra indicado escrito, o autor destaca o papel da escola na sociedade, a qual “[...] sempre respondeu àquelas exigências as quais um determinado regime político-social colocou para ela [...]” (PISTRAK, 2013, p. 111). Em oposição, naquele período revolucionário, o papel da escola deveria desnudar os interesses de classe, trazendo sucesso e esclarecimento a classe trabalhadora, vencedora da Revolução Russa, abrindo caminho para uma sociedade sem classe.

Segundo Pistrak (2013), a Escola-Comuna tinha como princípio básico a auto-organização, ou autodireção, de seus membros. O foco da pedagogia de ensino na escola comunal era o trabalho e a atualidade, era propor ao estudante uma postura autônoma. Pistrak (2018, p. 51, grifo do original) ressaltou que esses dois princípios estavam conectados “[...] de forma estreita com a questão da *auto-organização das crianças* (autodireção)”. A ideia de auto-organização em si, não apresenta grandes novidades aos intelectuais

e pensadores, mas na escola do trabalho, “[...] como na questão da atualidade, é essencial e primordial o problema das finalidades da auto-organização na nossa escola soviética” (PISTRAK, 2018, p. 51).

Diante disso, os membros da escola distribuíam-se em comitês e organizavam a assembleia escolar coletivamente para definir acordos e decisões. A distribuição dos cargos nesse tipo de organização eram transitórios, a fim de não incentivar a formação de comportamentos burocratas, corroborando com o que foi descrito por Boleiz Júnior (2017) e Golovaty (2017a, 2017b).

Nessa perspectiva, o pedagogo destacava que a auto-organização na escola é uma ferramenta primordial para a construção revolucionária e para essa construção é necessário o desenvolvimento de três competências básicas que são: “1) habilidade de trabalhar coletivamente, habilidade de encontrar seu lugar no trabalho coletivo; 2) habilidade de abraçar organizadamente de cada tarefa; 3) capacidade para a criatividade organizativa” (PISTRAK, 2013, p. 121).

Ressaltava que a habilidade de trabalhar coletivamente, está relacionada a possibilidade de toda criança ou jovem passar por funções de liderança e também de subordinação, atuando em diversas funcionalidades no trabalho coletivo. Sobre abraçar organizadamente novas tarefas, o autor indicou que é relevante para os estudantes se adaptarem às mais diversas atividades eventualmente atribuídas a eles, tornando-os mais flexíveis e dinâmicos. Por fim, a capacidade criatividade organizativa é uma condição para o desenvolvimento da liberdade nas crianças. Porém, o pedagogo acrescentou que “[...] todos estes objetivos da autodireção não podem ser atingidos se a autodireção das crianças é apenas uma brincadeira” (PISTRAK, 2013, p. 121), mostrando a importância de uma postura responsável das crianças diante da auto-organização como princípio na Escola-Comuna.

Além do posicionamento dos jovens, a comuna escolar também deve ter algumas conclusões fundamentais quanto a autodireção dos estudantes. Pistrak (2013, p. 122) salientou que, em primeiro lugar, “[...] a auto-organização dos estudantes pode aparecer e deve criar-se ao redor de determinada tarefa, próxima dos interesses das crianças, que parte da sua vida comum na escola e exija aplicação de trabalho”. Para que dessa forma, convivam com as obrigações e aprimorem as responsabilidades.

Como segundo aspecto essencial, ele evidenciou que “[...] a tutela demasiada sobre a autodireção da criança, quando ela levanta-se sobre os pés apenas prejudica a tarefa” (PISTRAK, 2013, p. 123), contribuindo para o incentivo aos alunos caminharem sozinhos, superando suas dificuldades, sem a intervenção direta de administradores ou professores. No entanto, enfatizou que o “[...] professor sempre dirige o trabalho na auto-organização, ele deve a seu tempo dar ajuda e conselho, ele deve discretamente dirigir pelas crianças, mas não tutelá-las exageradamente” (PISTRAK, 2013, p. 124).

Em terceiro, Pistrak (2013, p. 124) sugeriu que a “[...] auto-organização dos estudantes deve, em concordância com a nossa ideia básica, estender-se a participação ativa das crianças na construção da sua escola”, reforçando a concepção do trabalho atrelado à coletividade em todos os aspectos da vida escolar. Assim, os jovens obtêm o entendimento de criação da sua escola, sua vida e seu centro.

Ele finalizou com uma quarta conclusão, expressando que a “[...] auto-organização deve imediatamente servir para a aproximação da escola com outras organizações infantis, com a juventude trabalhadora, e, assim, retirar a criança das paredes da escola” (PISTRAK, 2013, p. 126). A escola do trabalho

deve proporcionar aos estudantes o aumento da união infantil dentro e fora do ambiente escolar, e introduzi-los na vida prática. O autor acrescentou que a escola comunal, adotando tais organizações, oportunizava o desenvolvimento do espírito social, forte e trabalhador das futuras gerações.

Como relatado anteriormente, Pistrak enfatizou que a autodireção vai além de uma estruturação educacional, sendo considerada uma organização de vida, formando o estudante em caráter e postura social, segundo os princípios comunistas.

[...] por escola nós vamos entender não o lugar onde as crianças apenas estudam, mas o lugar onde organizam a sua vida, então a autodireção também se torna uma forma de organização da vida infantil. Seu valor pedagógico será determinado como método de trabalho formativo-educativo da criança e do adolescente consigo mesmo e com o meio social com a ajuda de adultos (PISTRAK, 2013, p. 235).

Vale salientar que a organização formativo-educativo, como citada acima, era realizada com auxílio de pedagogos experientes, mas a intervenção realizada por eles jamais era exercida de forma ditatorial, controladora ou restritiva. Os educadores trabalhavam em um sistema de parceria com os alunos, criando inter-relações fortes e harmoniosas que favorecem para o ambiente coletivo. O único fator que distingue a atuação do professor e do estudante, é a maior experiência profissional dos docentes e não em um suposto cargo hierárquico. Contudo, orientavam os jovens para a auto-organização, autonomia e superação de costumes não condizentes com o ideal da sociedade sem classes, obtidos nos anos de miséria acentuada que poderiam possivelmente prejudicar a coletividade (PISTRAK, 2013).

Nesse sentido, Pistrak destacou que para as crianças, o caminho correto de seu desenvolvimento “[...] deve seguir através de uma série de obstáculos e proibições habilmente colocadas pelos pedagogos” (PISTRAK, 2013, p. 237). Por meio da superação dos obstáculos, formariam-se os aspectos intelectuais e morais das crianças.

A auto-organização escolar, juntamente com os ideais revolucionários da Escola-Comuna, incentivaram a formação política dos estudantes e a criação da União da Juventude Comunista na escola, em que o proletariado estabelecia a “[...] consciência da necessidade de atingir seus ideais sociais por meio de um sistema organizado” (PISTRAK, 2013, p. 239). Em vista disso, eram estabelecidas reuniões gerais, nas quais as crianças resolviam assuntos diversos desde os aspectos comunitários, até sociais e pedagógicos, com o intuito de construir uma instituição organizada. Nessas reuniões também incluíam a participação de adultos, pedagogos e funcionários técnicos, mas o seu número era bastante reduzido diante da multidão estudantil.

A experiência da Escola-Comuna do Narkompros nos convenceu da indiscutível exatidão da nossa visão. Mais que isso, a Escola-Comuna, desde o próprio início de sua existência, introduziu nela o costume de ter reuniões do conselho escolar inteiramente abertas. Nas reuniões pode participar qualquer membro da Comuna (sempre comparece uma massa de crianças); cada um dos estudantes tem o direito de expressar sua opinião e o direito de iniciativa, isto é, o direito de levantar qualquer questão no conselho (PISTRAK, 2018, p. 252).

O papel inicial dos pedagogos nas reuniões eram ministrar cursos autônomos sobre questões essenciais para a organização da vida escolar. Pistrak (2013, p. 240-241) caracterizava como ensinamentos básicos a serem aprendidos o “[...] porque não se pode falar mal, fumar; como é preciso lavar-se, cuidar do

dormitório; e ao mesmo tempo como construir programas de estudos na fábrica sobre princípios da formação comunista”. Acrescentou que nessas reuniões instrutivas, os pedagogos contribuíram de forma significativa.

Em virtude de as reuniões serem solicitadas frequentemente, passou por modificações tornando-se um órgão administrativo da auto-organização, chamado de Comitê Executivo. Esse foi subdividido em comitês específicos para cada campo da autodireção, comandados por cinco alunos, sendo eles: 1. Comitê de Trabalho, que está relacionado a organização do trabalho e indicações dos trabalhos; 2. Comitê de Higiene, associado a limpeza das habitações; 3. Comitê de Educação Política, que direcionava o trabalho cultural e instrutivo; 4. Comitê de balanço estatístico, que administrava o levantamento dos trabalhos e atividades dos grupos; 5. O secretário responsável pelo conteúdo do Comitê Executivo. Nesse contexto, o autor informou que “No Comitê Executivo residiu a direção da vida corrente da comuna, nos limites das deliberações da reunião geral [...]” (PISTRAK, 2013, p. 242).

O Comitê Executivo entrou em decadência após se utilizar de ações autoritárias, com obrigações e decreto de trabalho com base na força. Ademais, o trabalho regular na escola única do trabalho deixou outra seqüela: “[...] as crianças estão demasiadamente sobrecarregadas; isso não é apenas um defeito, mas quase um crime” (PISTRAK, 2018, p. 168). Em decorrência disso, ocasionou uma insatisfação geral do grupo estudantil. Dessa forma, a autodireção perdeu sua força e sofreu grandes impactos. Após a convocação de uma nova reunião geral, não houve indicações dignas de estudantes para atuarem no Comitê Executivo, com o propósito de substituir a atual gestão. E, em um momento curto de tempo, a desorganização foi se instalado na escola comunal. Segundo o pedagogo, “[...] a anarquia mostrou claramente que era preciso buscar novos caminhos e novas formas de autodireção” (PISTRAK, 2013, p. 243).

Brevemente, um grupo de discentes se pronunciou voluntariamente e eles assumiram as obrigações da autodireção, de modo que motivaram todas as crianças a retornarem suas atividades. Assim, aos poucos a organização estudantil voltou às atividades regulares, juntamente com a realização das tarefas de maneira satisfatória. Logo após esse momento de crise na autodireção dos alunos, foi percebida a necessidade de haver uma reorganização nesse âmbito. “Como resultado constituiu-se um grupo de crianças com um pedagogo, que concordaram em pensar e construir um projeto de autodireção em novas bases” (PISTRAK, 2013, p. 245). A comissão estudantil juntamente com o pedagogo, elaboram a nova estruturação da auto-organização de forma detalhada e organizada.

Dessa maneira, foi desenvolvido o Comitê Organizacional. De acordo com Pistrak, esse órgão “[...] realmente administrou a vida escolar das crianças foi o Comitê Organizacional, o qual representou em si o Comitê Executivo antigo transformado” (PISTRAK, 2013, p. 246). Com a concepção de manter todas as crianças envolvidas nos trabalhos da vida comuna, o Comitê Organizacional foi dividido em três áreas: a social, científica e econômica. A área social era referente aos grupos de trabalho de autosserviço, formação coletiva e social. A científica estava relacionada a estudos individuais, biblioteca e tarefas em grupo. E por fim, a área econômica conduzia aspectos financeiros da escola e do prédio, almoxarifado, estoque e distribuição de comida. Cada uma dessas áreas comandavam as crianças em seus setores específicos e este

trabalho “[...] deu a possibilidade de cada um, por suas forças, não se dispersando, atingir determinados êxitos, e ensinou a persistência e sistematização” (PISTRAK, 2013, p. 247).

Em síntese sobre o tema da auto-organização estudantil, Pistrak afirmou: “[...] a ideia básica da autodireção: autonomia razoável e real dos estudantes na esfera de sua vida espiritual, física e social” (PISTRAK, 2013, p. 249). Cada membro da Escola-Comuna tinha sua relevância no desempenho das atividades, por isso o não cumprimento de qualquer uma de suas funções e por qualquer integrante, interferia diretamente a vida de toda a escola. Dessa maneira, estimulava-se a organização coletiva estudantil em todas as esferas.

Considerações Finais

Diante da amostra documental e bibliográfica investigada na presente pesquisa, compreende-se que a categoria da auto-organização na escola soviética focava na atuação autônoma de seus educandos, através do trabalho coletivo e da atuação política dos jovens. As biografias de Nadejda K. Krupskaya (1869-1939) e de Moisey M. Pistrak (1888-1937) mostraram que o tema da autogestão estudantil era um aspecto relevante para a educação das crianças dentro da escola russa. Essa categoria é um dos elementos centrais da Pedagogia Socialista e está estreitamente ligada ao trabalho da construção revolucionária de uma nova sociedade.

Foram vistas similaridades nas propostas dos dois pedagogos soviéticos, sendo que, a práxis vinculada a categoria auto-organização, em ambos, objetivava a edificação do *Homo novus* comunista, jovens que construíram a emergente sociedade socialista erguida após a revolução Bolchevique de 1917. A autonomia, atualidade e vinculação ao trabalho como princípio educativo eram os laços que amarravam as linhas socioeducativas da autogestão dos estudantes. Assim, Pistrak e Krupskaya indicaram o papel radical da auto-organização da escola única do trabalho, plantada na raiz da árvore dos jovens, como sua alma, a qual cresceria e floresceriam os frutos da sociedade sem classes.

A proposta de auto-gestão estudantil vista na presente pesquisa documental nas obras dos supra indicados pedagogos soviéticos, permitia o desenvolvimento nas crianças e jovens estudantes da capacidade de encontrar seu espaço em um trabalho coletivo, bem como de observar cada novo desafio como organizador e desenvolver meios eficientes de organização para superar tais desafios.

Por fim, ressalta-se a necessidade de se desenvolver estudos empíricos em escolas e movimentos sociais educativos (em espaços não-formais) que se baseiam nas propostas krupskayana e pistrakiana. Outrossim, indica-se ser necessário aprofundar a análise sociológica e filosófica sobre o tema, a partir do ponto de vista marxista da pedagogia russa.

Referências

ALEKSANDROWICZ, Ana Maria Coutinho. Participação e integração: o ponto de vista das teorias da auto-organização. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 14, supl. 1, p. 1609-1618, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-

81232009000800034&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 23 abr. 2020. DOI

<https://doi.org/10.1590/S1413-81232009000800034>.

BITTAR, Marisa; FERREIRA JUNIOR, Amarílio. Ativismo pedagógico e princípios da escola do trabalho nos primeiros tempos da educação soviética. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 61, p. 433-456, jun. 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v20n61/1413-2478-rbedu-20-61-0433.pdf>>. Acesso em: 24 abr. 2020.

BOLEIZ JÚNIOR, Flávio. A Pedagogia Social de Pistrak e a formação do homem novo. **Journal Of Social Pedagogy**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 1-15, mai. 2017. Disponível em:

<<http://www.revistadepedagogiasocial.uff.br/index.php/revista/article/view/9>>. Acesso em: 25 abr. 2020.

CALDART, Roseli Salet. Apresentação, *In*: PISTRAK, Moisey Mikhaylovich. **Fundamentos da Escola do Trabalho**. 4. ed., p. 7-15, São Paulo: Expressão Popular, 2005.

CAPRILES, Rene. **Makarenko: o nascimento da pedagogia socialista**. 2. impressão, São Paulo: Scipione, 2002.

CARVALHO, Saulo Rodrigues de. O pensamento socialista para a educação em Pistrak e Gramsci: escola e formação intelectual-moral: escola e formação intelectual-moral. **Revista Histedbr On-line**, Campinas, v. 19, p. 1-26, jul. 2019. Universidade Estadual de Campinas. Disponível em:

<<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8654858>>. Acesso em: 25 abr. 2020.

FEITOSA, Raphael Alves. A construção da pedagogia socialista. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 39, n. 145, p. 1063-1066, 2018. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302018000401063&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 23 abr. 2020. DOI <https://doi.org/10.1590/es0101-73302018188083>.

FÉLIX, Cláudio Eduardo; MOREIRA, Romilson do Carmo; SANTOS, Cláudio Rodrigues. Pistrak e o sistema do complexo na Escola do Trabalho. **Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 1, n. 3, p. 211-230, mar. 2007. Disponível em:

<<http://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/539/435>>. Acesso em: 24 abr. 2020.

GOLOVATY, Ricardo. A Escola do Trabalho de Moisey Pistrak (1918-1929): crítica da educação politécnica bolchevique. **Enfrentamento**, Goiânia, v. 12, n. 22, p. 79-97, jul. 2017a. Disponível em:

<<https://redelp.net/revistas/index.php/enf/article/view/1016>>. Acesso em: 25 abr. 2020.

GOLOVATY, Ricardo. A Pedagogia Socialista de Moisey Pistrak no centenário da Revolução Russa: contribuição pelo olhar da história e da sociologia da educação. **História e Cultura**, Franca, v. 6, n. 1, p. 213-240, mar. 2017b. Disponível em:

<<https://ojs.franca.unesp.br/index.php/historiaecultura/article/view/1981>>. Acesso em: 25 abr. 2020.

GROPPO, Luís Antonio; TREVISAN, Júnior Roberto Faria; BORGES, Livia Furtado; BENETTI, Andréa Marques. Ocupações no Sul de Minas: autogestão, formação política e diálogo intergeracional. **ETD - Educação Temática Digital**, Campinas, v. 19, n. 1, p. 141-164, 2017. Disponível em:

<<https://doi.org/10.20396/etd.v19i1.8647616>>. Acesso em: 23 abr. 2020.

KRUPSKAYA, Nadejda Konstantinovna. **A construção da pedagogia socialista**. São Paulo: Expressão Popular, 2017.

LEITE, Valter de Jesus; BORGES, Liliam Farias Porto. Escola Única do Trabalho pós-revolução russa de 1917 e o trabalho como princípio educativo. **Germinar: Marxismo e Educação em Debate**, Salvador, v. 10, n. 3, p. 226-235, dez. 2018. Disponível em:

<<https://portalseer.ufba.br/index.php/revistagerminar/article/view/29014>>. Acesso em: 24 abr. 2020.

LIMA, Licínio C. A Gestão Democrática das Escolas: do autogoverno à ascensão de uma pós-democracia gestonária?. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 35, n. 129, p. 1067-1083, Dec. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302014000401067&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 23 abr. 2020. DOI

<https://doi.org/10.1590/ES0101-73302014142170>.

- MARTINS, Ângela Maria. Autonomia e educação: a trajetória de um conceito. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 115, p. 207-232, Mar. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742002000100009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 23 abr. 2020. DOI <https://doi.org/10.1590/S0100-15742002000100009>.
- MC NEAL, Robert H. A Letter from Trotsky to Krupskaya, 17 May 1927. **International Review of Social History**, Amsterdam, v. 18, n. 1, p. 111-119, 1973. Disponível em: <<https://doi.org/10.1017/S0020859000004223>>. Acesso em: 10 nov. 2017.
- MUÑOZ-MUÑOZ, Ana Maria. Nadezhda Konstantinovna Krupskaya (1869-1939): feminista y bibliotecaria. In: MUÑOZ-MUÑOZ, Ana Maria; BALLARÍN DOMINGO, Pilar. (Orgs.). **Mujeres y libros: homenaje a la profesora Dña. Isabel de Torres Ramírez**. Granada: Universidad de Granada, Servicio de Publicaciones, 2010. p. 143-156. Disponível em: <http://eprints.rclis.org/15236/1/2010_CL_NadezhdaKrupskaya.pdf>. Acesso em: 23 abr. 2020.
- OLIVEIRA, Clara Costa. Contributos educativos e comunitários do Movimento Epistemológico da Auto-organização - Um método auto-organizativo na formação de educadores de adultos. **Educação (PUCRS)**, Porto Alegre/RS, v. XXX, n. 61, janeiro-março, p. 165-180, 2007. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/545>>. Acesso em: 23 abr. 2020.
- OLIVEIRA, Clara Costa. O movimento da auto-organização e seus contributos para a educação. **Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 21, n. 2, p. 335-350, dez. 2013. ISSN 1982-9949. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/3977>>. Acesso em: 23 abr. 2020. DOI <https://doi.org/10.17058/rea.v21i2.3977>.
- PASSADOR, Cláudia Souza; SALVETTI, Thales Silveira. Gestão escolar democrática e estudos organizacionais críticos: convergências teóricas. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 34, n. 123, p. 477-492, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302013000200009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 23 abr. 2020. DOI <https://doi.org/10.1590/S0101-73302013000200009>.
- PISTRAK, Moisey M. **A Escola-Comuna**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.
- PISTRAK, Moisey M. **Fundamentos da escola do trabalho**. São Paulo: Expressão Popular, 2018. (Tradução de Luiz Carlos de Freitas).
- PIZZANI, Luciana; SILVA, Rosemary Cristina da; BELLO, Suzelei Faria; HAYASHI, Maria Cristina Piombato Innocentini. A arte da pesquisa bibliográfica na busca do conhecimento. **RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 10, n. 2, p. 53-66, 10 jul. 2012. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1896>>. Acesso em: 31 maio 2020.
- RAYMOND, Boris. A Sword with Two Edges: The Role of Children's Literature in the Writings of N. K. Krupskaya. **The Library Quarterly**, Chicago, v. 44, n. 3, p. 206-218, 1974. Disponível em: <<https://www.journals.uchicago.edu/doi/abs/10.1086/620274>>. Acesso em: 23 abr. 2020.
- SÁ-SILVA, Jackson Ronie; ALMEIDA, Cristóvão Domingos de; GUINDANI, Joel Felipe. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, Natal, v. 1, n. 1, p. 1-15, 2009. Disponível em: <<https://periodicos.furg.br/rbhcs/article/view/10351>>. Acesso em: 31 maio 2020.
- SILVA, Vagner Rodolfo da. Uma mulher, a biblioteconomia e as bibliotecas soviéticas. **Múltiplos Olhares em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 2, n. 1, p. 1-14, 2012. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/65022>>. Acesso em: 23 abr. 2020.
- SKATKIN, Mihail S.; TSOV'JANOV, Goergij S. Nadezhda Konstantinovna Krupskaya. **Prospects - Comparative Journal of Curriculum, Learning, and Assessment**, [S.l.], v. 24, p. 49-60, 1994. Disponível em: <<https://doi.org/10.1007/BF02199006>>. Acesso em: 23 abr. 2020.
- VIANA, Nildo Silva. Educação, Sociedade e Autogestão Pedagógica. **Revista Urutágua**, Maringá, v. 16, n. 16, p. 37-46, 2008. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Urutagua/article/view/3689>>. Acesso em: 23 abr. 2020.

Notas:

- ¹ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará. CV: <http://lattes.cnpq.br/5070303417952301> ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-7931-0890> Email: jairlaaires@hotmail.com
- ² Universidade Federal do Ceará. Membro do Grupo de estudos e pesquisa em ensino no ciências. <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/40226> CV: <http://lattes.cnpq.br/1488422394078457> Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-3008-3508> Email: raphael.feitosa@ufc.br

Recebido em: 14.05.2020
Aprovado em: 08.06.2020